

## A Função Turística do Patrimônio: questionamentos sobre a idéia de sustentabilidade do turismo cultural

*Antônio Marcus Lima Figueiredo (antonio500@ig.com.br)\**

### Resumo

Busca estabelecer uma relação entre o discurso que funda o patrimônio histórico com o que o vende nos tempos atuais, com o advento do turismo cultural. Para isso, através de uma abordagem teórica, demonstra como a formação do patrimônio esta relacionada com interesses políticos e ideológicos, sendo o turismo, um elemento que vem influenciar nesta dinâmica. Assim, acredita-se que a utilização do patrimônio pela atividade turística abre a possibilidade tanto para a manutenção de modelos de desenvolvimento onde poucos ganham, como para a implementação de modelos sustentáveis onde a população participa e tem sua cultura valorizada. Sendo a participação das comunidades no planejamento turístico, um aspecto fundamental para que o turismo cultural se torne uma estratégia de desenvolvimento sustentável.

**Palavras-chave:** Turismo cultural; patrimônio cultural; desenvolvimento sustentável

### Abstract

Search to establish a relation enters the speech that establishes the historic site with what vende in the current times, with the advent of the cultural tourism. For this, through a theoretical boarding, it demonstrates as the formation of the patrimony this related with interests ideological politicians and, being the tourism, an element that comes to influence in this dynamics. Thus, it is given credit that the use of the patrimony for the tourist activity in such a way opens the possibility for the maintenance of development models where few earn, as for the implementation of sustainable models where the population participates and has its valued culture. Being the participation of the communities in the tourist planning, a basic aspect so that the cultural tourism if becomes a strategy of sustainable development.

**Key words:** Cultural tourism; cultural patrimony; sustainable development

## Introdução

Nos últimos anos o turismo cultural tem sido apontado como uma das possibilidades de desenvolvimento sustentável para diversas localidades. Esta atividade propõe a utilização de elementos da cultura local como atrativo turístico, contribuindo, assim, para o desenvolvimento da comunidade. A concepção de desenvolvimento aí presente não se resume ao desenvolvimento econômico, abarcando também a melhoria da qualidade de vida, saúde, emprego e segurança aliada à preservação do meio ambiente e o respeito à diversidade.

Mas a relação entre cultura e economia guarda complexidades que muitas vezes passam despercebidas. Com o turismo, o discurso que atribui significância social ao patrimônio cultural não apenas fomenta o sentimento de pertencimento e de continuidade histórica, assumindo também a função de atrativo turístico. Em outras palavras, o patrimônio é inserido na dinâmica de uma atividade com fins econômicos, embora não se possa resumir o turismo como puramente econômico. A utilização destes elementos pelo turismo evidencia como a dimensão político-ideológica e as necessidades humanas estão intrínsecas na dinâmica cultural.

Este trabalho pretende estabelecer uma relação entre o discurso fundador do patrimônio e o discurso que o "vende" como atrativo turístico. Não como discursos antagônicos, supondo que o turismo provoca uma perda de autenticidade desse patrimônio, mas como elaborações que refletem os interesses presentes nos contextos sócio-históricos em que foram produzidos. Adota-se assim, a postura de que o turismo ao participar da dinâmica das cidades, acentuando os intercâmbios culturais, insere nesta dinâmica o elemento econômico, o que não nega os valores culturais, mas os revela, na medida em que explicita a relação

entre a instância cultural e necessidades humanas. Desta forma, acredita-se que o turismo cultural abre possibilidades tanto para a manutenção de modelos de desenvolvimento onde poucos ganham, como para a implementação de modelos sustentáveis onde a população participa e tem sua cultura valorizada.

## Patrimônio e nação

Esse conjunto de bens e práticas tradicionais que nos identificam como nação ou como povo é apreciado como um dom, algo que recebemos do passado com tal prestígio simbólico que não cabe discuti-lo. As únicas operações possíveis - preservá-lo, restaurá-lo, difundi-lo - são a base mais secreta da simulação social que nos mantêm juntos. (...) Por isso mesmo, o patrimônio é o lugar onde melhor sobrevive hoje a ideologia dos setores oligárquicos, quer dizer, o tradicionalismo substancialista. (CANCLINI, 2000. p.160)

A palavra patrimônio deriva do vocábulo latino pater, pai, não no sentido de genitor, mas de uma figura jurídica definida pelo antigo direito romano, como o senhor, o chefe que detinha propriedade privada sobre a terra e sobre tudo que nela habitava. Patrimônio então é o que pertence ao pai, à pátria, termo que já era utilizado antes da invenção histórica do Estado-nação. O que supõe, nas políticas sobre o patrimônio, a apropriação, por parte do Estado, de bens que carregam algum valor simbólico para a coletividade, sendo representativo de uma época, grupo ou cultura.

Para Gonçalves (1996), as práticas de colecionamento, restauração e preservação de patrimônios culturais são norteadas por uma concepção de história como um processo inexorável de destruição, em que valores, instituições e objetos associados a uma "cultura", "tradição", "identidade" ou

\* Bacharel em Comunicação Social e Mestrando em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz/ Universidade Federal da Bahia. E-mail: antonio500@ig.com.br

"memória" nacional tendem a se perder. Concepção que cria um quadro mítico do processo histórico, onde o presente é narrado como uma situação de perda progressiva, legitimando assim, práticas de colecionar, restaurar e preservar. Um discurso que se opõe ao processo de destruição e, paradoxalmente, o produz, na medida em que descontextualiza sócio-historicamente os objetos, recodificando-os, para que sirvam de sinais diacríticos das categorias e grupos sociais que venham a representar, além de operar através da seleção de uns, o que vem acompanhado da exclusão de outros.

A preocupação com o patrimônio surge pela necessidade de afirmação do Estado-nação, como categoria histórica coerente, como algo que sempre existiu. Os elementos que constituem o patrimônio histórico-cultural de uma coletividade podem ser caracterizados como semióforos, (CHAUÍ, 2000) elementos constitutivos das modalidades discursivas cujo propósito fundamental é construir uma memória e uma identidade. Sendo também signos de poder, os semióforos, também tem a sua participação na sociedade capitalista:

*Embora o semióforo seja algo retirado do circuito da utilidade e esteja encarregado de simbolizar invisível espacial ou temporal e de celebrar a unidade indivisa dos que compartilham uma crença comum ou um passado comum, ele também é posse e propriedade daqueles que detêm o poder para produzir e conservar um sistema de crenças ou um sistema de instituições que lhes permite dominar um meio social. (CHAUÍ, 2000, p.13)*

A construção deliberada da nação, vai criar discursivamente, através da apropriação de elementos originalmente dispersos, a totalidade e coesão nacional. A apropriação de bens materiais e imateriais pelo Estado, ao título de patrimônio cultural, e seu enquadramento histórico, remetem a

questão a muito levantada por historiadores sobre a autoridade de quem conta e o ponto de vista através do qual se conta a história, ou seja, delega o que vai se constituir como patrimônio. Canclini (2000) diz que:

*Foram esses grupos - hegemônicos na América Latina desde as independências nacionais até os anos 30 deste século (leia-se século passado), donos "naturais" da terra e da força de trabalho de outras classes - os que fixaram o alto valor de certos bens culturais: os centros históricos das grandes cidades, a música clássica, o saber humanístico. Incorporaram também alguns bens populares sob o nome de "folclore" marca que indicava tanto suas diferenças com respeito à arte quanto a sutileza do olhar culto, capaz de reconhecer até nos objetos dos "outros" o valor do genericamente humano. (p.160) (grifo nosso)*

Não se pretende, com essa argumentação, colocar em descrédito estas formas de objetificação cultural, colocando o patrimônio como um conjunto de símbolos impostos pelas classes dominantes, o que poderia levar uma relativização que nada contribui, mas revelar o caráter político intrínseco à cultura. O que nos remete a noção de hegemonia proposta por Gramsci, "possibilitando pensar o processo de dominação social já não como uma imposição a partir de um exterior e sem sujeitos, mas como um processo no qual uma classe se hegemoniza, na medida em que representa interesses que reconhecem de alguma maneira como seus as classes subalternas" (BARBERO, 2003 p.116). Desta forma, entende-se a cultura como uma condição de produção e reprodução da sociedade (MENESES, 2002), e não como algo fora do circuito das necessidades humanas.

*(...) a problemática da cultura, o domínio cultural, tudo isso diz respeito à produção, armazenamento, circulação, consumo, reciclagem,*

*mobilização e descarte de sentidos, de significações. Por consequência, diz respeito, igualmente, aos valores. Por certo, não estamos falando de sentidos e valores abstratos, em si, mas de sua inserção num circuito da vida social. Dessa forma, a cultura engloba tanto aspectos materiais como não materiais e se encarna na realidade empírica da existência cotidiana: tais sentidos, ao invés de meras elucubrações mentais, são parte essencial das representações com as quais alimentamos e orientamos nossa prática (e vice-versa) e, lançando mão de suportes materiais e não materiais, procuramos produzir inteligibilidade e reelaboramos simbolicamente as estruturas materiais de organização social, legitimando-as, reforçando-as ou as contestando e transformando. (MENESES, ibid p.89)*

Assim, é tendo em vista que os discursos que legitimam um conjunto de objetos como representativos de um grupo, são representações destes elementos elaboradas a partir de determinadas posições sociais, respondendo a interesses específicos de um determinado momento histórico, que se propõe vislumbrar a utilização do patrimônio cultural como atrativo turístico.

Nas sociedades contemporâneas a atividade turística aparece como um novo elemento que se insere na dinâmica cultural e por conseguinte vai influenciar na produção discursiva e na utilização deste patrimônio. Tendo as peculiaridades locais (a diferença) como atrativos turísticos, esta atividade abre a possibilidade do desenvolvimento da alteridade e da sustentabilidade da comunidade envolvida, como também para a mercantilização do patrimônio de tal forma que este se torne basicamente um local para o consumo turístico, desterritorializado, a ser explorado por poucos.

## **Turismo e representação da diferença**

Nas últimas décadas, a atividade turística tem se configurado como uma importante atividade econômica em todo o mundo, com implicações diretas na vida social e cultural de cidades, sítios e pessoas, gerando empregos, divisas e proporcionando contatos culturais e representações de diversas localidades. O turismo vem se desenvolvendo numa sociedade globalizada, caracterizada pela interligação das economias e o acelerado desenvolvimento dos meios de comunicação e dos transportes. Neste contexto, a concorrência no setor turístico se acirra na medida em que se multiplicam informações sobre diversas localidades em diversos meios, dando à comunicação um papel fundamental para o êxito da atividade.

Dentre as modalidades de turismo existentes, o turismo cultural aparece como uma das estratégias de desenvolvimento sustentável, na medida em que há uma preocupação em aliar desenvolvimento econômico com a melhoria da qualidade de vida, saúde, emprego, segurança, preservação do meio ambiente e o respeito à diversidade. Neste sentido, é que se busca um outro tipo de turista, não apenas o massivo. Avighi coloca que:

*Saem da cena o consumista da zona franca, o turista ostentatório, os roteiros clássicos. O "viajante de vanguarda" busca a realização interior e dá ênfase ao meio ambiente e à compreensão da cultura e da história de outros lugares, quer conhecer povos e se enriquecer culturalmente. Percorre roteiros não visitados e elabora seus próprios itinerários (AVIGHI, 2000, p.102)*

Em busca destes turistas as localidades utilizam-se da afirmação das singularidades como marcas de diferenciação para estimular a visitação, produzindo representações globalizadas que são

difundidas pelos meios de comunicação (AVIGHI, 2000). Estas representações tratam com imagens identitárias dos territórios, com traços da memória coletiva destes, tendo influências no olhar que as comunidades receptoras têm sobre si diante dos visitantes (VOISIN, 2004).

Através dos meios de comunicação vão sendo elaboradas representações destes patrimônios no intuito de "vende-los" como o diferente, motivo que incita a visitação. O turismo cultural, ao incentivar a valorização do local frente ao global, exalta (ou formata) a diferença como atrativo, o que abre a possibilidade de relações baseadas na alteridade. O turismo pode contribuir para a construção de relações que vão de encontro com as concepções que influenciaram de forma marcante toda a modernidade. O pensamento racional classificava o mundo através de pares dicotômicos: alto/baixo, feio/bonito, homem/mulher, Deus/diabo, onde o segundo elemento dos pares sempre aparece como algo pior. Desde a colonização da América até os dias atuais na "guerra contra o terror" o discurso maniqueísta é preponderante. A valorização da diferença incentiva a alteridade, na medida em que propõe o respeito e entendimento do outro, onde o diferente se constitui em um valor positivo e não discriminatório.

Mas o diferente pode-se passar pelo exótico. Durante muito tempo o Brasil foi conhecido em outros países como o lugar do exótico, visão que ainda persiste e tem sua matriz no discurso colonial, em textos como o de Gandavo, Caminha entre outros. As representações do patrimônio histórico-cultural de uma comunidade, elaboradas pela indústria turística e difundidas através dos meios de comunicação afim de "vender" esta destinação, correm o risco de repetir estereótipos ao invés de proporcionar um maior entendimento da cultura local. A

linguagem publicitária, calcada pela espetacularização e pela superficialidade (maior ou menor a depender do meio em questão) no tratamento da informação, ao representar traços da cultura local pode influenciar negativamente na relação visitante/visitado. Ao repetir estereótipos, ou resumir a "cultura" local à símbolos e manifestações de determinados grupos em detrimentos de outros, o que se entra em questão é a própria noção de sustentabilidade remetida ao turismo cultural.

### Por um turismo cultural sustentável

É necessário observar não só como são representados tais elementos constitutivos da identidade local, mas também, quais elementos este turismo cultural quer mostrar? Este questionamento passa mesmo pela concepção de turismo cultural como um turismo sustentável e pelo caráter seletivo da memória social. Seleção, que como ficou relatado acima, passa por filtros políticos e ideológicos.

Vejamos, então, de forma sucinta, o caso de Ilhéus, na Bahia. Mundialmente conhecida pela terra dos coronéis do cacau, imortalizada na obra de Jorge Amado, Ilhéus tem declarado como o seu patrimônio, o que não difere de outras localidades, elementos representativos destas elites que dominaram a região no início do século XX, época que ocorreu uma acelerada modernização da cidade.

*Mesmo nas últimas décadas, as famílias tradicionais, descendentes desses coronéis, ainda vêm mantendo um certo privilégio social e distinção simbólica. O patrimônio histórico regional, preservado com verbas públicas, - Bar Vesúvio, Bataclã e Museu da Casa Verde, além de outros - está voltado, quase exclusivamente, à memória dessa classe social, tal como descrita, em*

*sua ascensão e auge de poder, por Jorge Amado, no romance Gabriela, Cravo e Canela. Ou seja, quase nenhuma vez, na história regional, a modernização operou mediante a substituição do tradicional e do antigo, mas sempre mediante transformações homeopáticas que vão reformando, aos poucos, o tradicional e o antigo, sem rupturas. (FILHO, 2005)*

O município, que tem sua origem no século XVI com a posse, por Francisco Romero, a mando de Jorge Figueiredo Correia, da capitania recebida do Rei de Portugal D. João III. História rica, com episódios marcantes para diversos grupos a exemplo dos índios tupinambás de Olivença (distrito do município), que guardam histórias como a da "Batalha dos Nadadores" ocorrida na praia cururupi (onde índios foram massacrados a mando de Men de Sá), ou do Cabloco Marcelino, índio que se revoltou contra os coronéis da região em meados do século XX e foi perseguido duramente pela polícia. Histórias, entre outras, que ficam restritas aos muros da academia e à memória da comunidade, mas não recebem incentivos dos gestores da memória oficial que se dedicam a restaurar, preservar, difundir elementos representativos de uma determinada época e sobre determinado grupo.

Até mesmo os elementos privilegiados pelas políticas públicas vão gerando representações de caráter duvidoso, onde a espetacularização da história, gera simples produção de espaços para o consumo turístico, onde os elementos perdem seu significado pela importância histórica, ou mesmo pela representatividade que tem frente à população.

Mas então, como transformar o turismo cultural numa via para o desenvolvimento e valorização dos diversos setores da comunidade?

A noção de sustentabilidade nos dá algumas pistas a esse respeito. Oliveira (2002), propõe um conceito operacional de turismo sustentável, na medida em que a grande quantidade de conceitos faz com que não exista uma definição que seja universalmente aceita. Assim entende como o "turismo praticado de uma forma que promova a qualidade de vida das populações residentes no local de destino; respeite a sociodiversidade da comunidade receptora, por meio de conservação da herança cultural das populações locais; e conserve os recursos naturais e paisagísticos desse local". Esta concepção dá uma acentuada importância ao aspecto do planejamento turístico, que pressupõe a análise da capacidade de carga da localidade e a gestão participativa.

A participação da comunidade no planejamento da atividade turística pode evitar distorções na medida em que esta se torna co-responsável pelas consequências que o turismo traz para ela. Com relação ao patrimônio, tal participação pode garantir que os elementos que são representativos para os grupos, e por isso mesmo constitutivos da identidade destes, sejam inseridos na dinâmica da indústria cultural não só privilegiando o lucro mas também a valorização das peculiaridades do local.

## Considerações finais

O turismo cultural como estratégia de desenvolvimento social abre possibilidades tanto para a manutenção de modelos de desenvolvimento onde poucos ganham, como para a implementação de modelos sustentáveis onde a população participa e tem sua cultura valorizada.

Os discursos elaborados sobre o patrimônio cultural das localidades podem revelar como esta atividade vem se desenvolvendo. Desde o que se elege como patrimônio cultural - que deve ser

preservado, restaurado, difundido - até as representações que se elaboram sobre estes elementos, devem ser analisados criticamente. Análise que passa pelo questionamento da representatividade desses elementos, que recebem investimentos públicos e privados, frente à coletividade em questão. Neste sentido, pensar o turismo cultural como uma estratégia de desenvolvimento sustentável passa necessariamente pela participação da população no planejamento do turismo, o que pode prevenir distorções nas representações elaboradas sobre estes elementos e garantir que os benefícios provenientes da atividade sejam experimentados por um maior número de pessoas e não fique restrito a um pequeno grupo.

### Referências bibliográficas

- AVIGHI, Carlos Marcos. Turismo, Globalização e Cultura in: LAGE, Beatriz Helena Gelas. MILONE, Paulo César (org). Turismo: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2000. P 102-106.
- CANCLINI, Nestor García. O Porvir do Passado. In: Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e Sair da Modernidade. 3 ed. São Paulo: EDUSP,2000. p 159-204.
- CHAUÍ, Marilena. A nação como semióforo. In: Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Albano, 2000. p 11-19
- GONÇALVES, José Reinaldo Santos. A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996.
- MENESES, Ulpiano T. Becerra. Os "usos culturais" da cultura. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YÁGIZI, Eduardo. CARLOS, Ana Fani. CRUZ, Rita de Cássia.

organizadores Turismo: espaço, paisagem e cultura São Paulo: Hucitec, 2002. 3ed. p. 88-99

MENEZES Juliana Santos. O Turismo cultural como fator de desenvolvimento na cidade de Ilhéus. Disponível em: <http://alpha.uesc.br/icer/home.htm> acessado em julho de 2004.

FILHO, Odilon de Mesquita Shopping Primitivo: Um Estudo de Caso em Turismo e Identidade Regional. Disponível em <<http://www.uem.br/~urutagua/007/07mesquitafilho.htm>> acessado em:05/08/2005

OLIVEIRA, Luciano Amaral. Mapeamento semântico do turismo sustentável: arquitetando um novo país. Disponível em: Boletim técnico do SENAC <http://www.senac.br/informativo/bts/index.asp> acessado em 08/12/2004

VOISIN, Jane Kátia. Comunicação turística, memória, identidade: uma proposta de abordagem e dois casos (Ilhéus-Bahia e La Rochelle-França). Disponível em: <http://alpha.uesc.br/icer/home.htm> acessado em julho de 2004